

# Antigo secretário-geral da Renamo apareceu assassinado nos arredores de Cascais

Séc. Ib. 25/4/88

Na passada quinta-feira à tarde, um homem da Malveira da Serra, um pequeno povoado a poucos quilómetros de Cascais, deparou com um corpo crivado de balas, meio escondido entre arbustos, junto a um moínho de vento.

Finalmente, tinha sido encontrado, já sem vida, Evo Fernandes, o elemento mais conhecido internacionalmente dos quadros da antiga Resistência Nacional Moçambicana (RNM) que, ultimamente, passou a ser chamada Renamo. Na organização desempenhava actualmente o cargo de director do Gabinete de Estudos.

Estava terminada a busca por centenas de homens da Polícia Judiciária, e outros corpos policiais, que des-



EVO FERNANDES, O PRIMEIRO A CONTAR DA ESQUERDA, QUANDO EM OUTUBRO DE 1984 LIDEROU A REPRESENTAÇÃO DA RENAMO NAS CONVERSÇÕES DE PAZ EM PRETÓRIA

de a madrugada de domingo, 17 de Março, procuravam determinar o que acontecera ao dirigente da RNM, desde que a mulher

deste, Ivette Fernandes, deu o alarme que ele tinha desaparecido.

## CILADA

Entretanto, desde o momento em que Evo Fernandes desapareceu de Cascais, onde residia, sem deixar rasto, começaram a surgir fios de uma meada apontando para uma cilada montada por profissionais utilizando os serviços de «um elemento alugado» para armar o laço.

Veio a saber-se, assim, que o executante — procurado pela Polícia — foi um indivíduo tenebroso, chamado Alexandre Xavier Chagas, um antigo capataz de estiva do porto de Lourenço Marques que, há dias, tinha contactado Evo Fernandes, propondo-lhe um encontro para planearem uma iniciativa de paz para Moçambique.

A cena tinha sido preparada meticulosamente, a ponto de um homem inteligente e com longa experiência dos golpes dos serviços secretos internacionais ter-se deixado envolver numa rede que o levaria à morte.

Chagas — que a família Fernandes conhecia como sendo uma pessoa ligada à Polícia Secreta de Moçambique — começou, aparentemente, por ter contactado o representante da Renamo para a Europa, Fernando da Fonseca, que reside na Alemanha Federal, e Manuel Frank, porta-voz do movimento em Lisboa, aliciando-os para o «projecto de paz».

Teatralmente, o «esquema» previa um encontro numa herdade do Alentejo, a cerca de 150 quilómetros de Lisboa, onde as duas delegações se poderiam encontrar longe dos olhares e orelhas indiscretas.

Evo aceitou o convite com alguma hesitação.

## ERMO

O curioso é que a herdade realmente existe e o dono, um ex-residente da Beira de apelido Gaudêncio, tinha anuído a um pedido de Chagas para a ceder para um propósito encontro.

Veio a apurar-se que as relações Chagas-Gaudêncio se tinham iniciado com o primeiro prometendo ao segundo chorudos negócios no Maputo. Para isso, disse o Chagas, precisar que a firma Gaudêncio o credenciasse junto das autoridades e homens-de-negócios da capital moçambicana como legítimo representante da firma.

Aparentemente, Chagas repetiu o mesmo golpe com um certo número de comerciantes de Portugal, usando as cartas para negócios fictícios. Pessoas que o conhecem,

tanto em Lisboa, como em Maputo, classificariam o Chagas como um vigarista profissional.

## SEGREDOS

Foi neste embróglio de literatura de cordel que Evo Fernandes caiu nas mãos de alguém, ou mais provavelmente, de uma or-

ganização que planeava arrancar-lhe os segredos da RNM (que ele conhecia melhor que ninguém) e eliminá-lo, de seguida.

O drama não acabou com o assassinio de Evo. Começa, agora, com a apaixonante busca de quem foi o autor (ou autores) e qual o objectivo.

(cont. na pag. 16)

(cont. da pag. 3)

Indiscutivelmente, o caso Evo Fernandes promete tornar-se uma «causa célebre».

O primeiro-ministro Cavaco Silva ordenou a utilização «do grau máximo dos serviços policiais e de informação portugueses». A estrutura de elite da Direcção Central de Combate ao Banditismo está mobilizada. A Polícia Judiciária, que abriu o primeiro dossier, está metida em brios para desvendar o mistério do rapto e da morte de Evo Fernandes.

Xavier Chagas e Joaquim da Concei-

ção, ambos de nacionalidade portuguesa e a viverem em Moçambique, são, para já, os dois elementos procurados pela Polícia portuguesa.

### ESTRANGEIROS

Os meios de comunicação social portugueses apaixonaram-se pela causa. Diário de Lisboa: «Um crime cometido nas barbas das autoridades portuguesas. Quem matou: DGCD, DINFO, SIS? Tantas siglas e nenhuma pista certa».

Fontes ligadas aos investigadores credi-

tam no envolvimento de agentes dos serviços secretos estrangeiros que, segundo eles, «funcionam em Portugal como peixe na água».

Numa entrevista, a mulher do assassinado, Ivette Fernandes, nega a hipótese que o marido tivesse sido vítima de um ajuste de contas: «Isso é impossível pois ele era apoiado por toda a organização e tudo o que fazia era a mando do Presidente (Afonso Dhlakama)».

### IMOLADOS

Ficam, porém, de pé

muitas outras hipóteses. Evo Fernandes foi o último (até agora) dos imolados no processo radical de se procurar, a todo o transe, que nunca venha a ser conhecida toda a história da RNM.

Pelo caminho, ficaram, já, entre os chefes conhecidos, Orlando Cristino, os irmãos Adriano e Boaventura Bomba, e o dr. João Ataíde, que abandonou as funções de embaixador de Moçambique em Lisboa para se filiar na Renamo e succumbiu num «desastre» de viação no Malawi.

Se forem descobertos os assassinos de Evo Camões Fernandes, e divulgadas todas as circunstâncias que rodearam o seu fim, teria sido levantada a ponta do véu. Quanto mais haverá por trás?